

Actualização da sistemática dos Trigos Portugueses ⁽¹⁾

por

JOÃO DE CARVALHO E VASCONCELLOS

Professor do Instituto Superior de Agronomia

Os trigos portugueses ou de há muito cultivados no País encontram-se na sua grande maioria descritos e classificados (Vasconcellos, 1933). Assentou a sua classificação nos trabalhos de Körnicke (1885) e de Percival (1921).

Flaksberger (1935), efectuando uma revisão geral dos trabalhos publicados nos diversos países sobre a classificação dos trigos e senhor de numeroso material, estabeleceu um novo arranjo da sistemática do trigo que nos permite uma melhor e mais rápida identificação das formas cultivadas.

A comparação do sistema de classificação, adoptado no trabalho acima referido (Vasconcellos, 1933) e das suficientemente minuciosas descrições do mesmo, com a classificação de Flaksberger (1935), conduz-nos a um novo ajustamento do sistema que foi empregado, com a vantagem de mostrar a afinidade entre diversas formas distribuídas por diferentes variedades botânicas e, por outro lado, tornar mais nítida, nalguns casos, a identificação das várias formas cultivadas incluídas numa mesma variedade de Körnicke ou de Percival, que Flaksberger considera em muitos casos uma *grei*, ou seja um grupo de variedades.

O sistema de Flaksberger (1935), apesar de representar, sem dúvida, um grande avanço na sistemática dos trigos, é muito complicado e irregular, não estando em harmonia com as regras de nomenclatura

⁽¹⁾ Comunicação à 3.^a Secção — Botânica — do I Congresso Nacional de Ciências Agrárias, Lisboa, 1943.

botânica adoptadas pelo Congresso Internacional de Botânica que precedeu a publicação da obra, nem com as alterações que àquelas foram introduzidas no realizado no ano da publicação.

Assim ao passo que as mesmas regras atribuem à espécie as seguintes subdivisões, Flaksberger no seu trabalho considera outras que colocamos a par, seguidas por um exemplo:

espécie	espécie	<i>Triticum durum</i> Desf.
subespécie	subespécie	ssp. <i>expansum</i> Vav.
—	tipo	<i>duro-compactum</i> Vav.
—	prole	<i>horanicum</i> Vav.
—	subprole	<i>horano-pruinatum</i> Jakubz.
—	grex	grex <i>erythromelan</i> Körn.
variedade	variedade	—
sub-variedade	—	—
forma	forma	Mourisco

A grei (*grex*), como já dissemos, compreende diversas variedades que podem pertencer a diferentes tipos, proles, e sub-proles e por vezes até a diversas subespécies. Essas variedades umas vezes vêm especificadas na obra de Flaksberger, como por exemplo, em parte para a grei *erythrospermum* Körn., do *Triticum vulgare* Host, as variedades: *pleno-erythrospermum* Flaksb., do grupo *cauliplenum* Flaksb.; *epruinatum* Jakubz., do grupo *epruinatum* Jakubz.; *nigriaristatum* Flaksb., que difere da var. *erythrospermum* Körn., devido a ter aristas negras e que, adoptando critério uniforme, devia constituir outra grei; *melanopogon* Chiov., da subespécie *irano-asiaticum* Flaksb., também de barbas pretas; *kabulicum* Vav., também da mesma subespécie, prole *subrigidum* Flaksb. e sem lígula; *erythrospermum-inflatum* Palm., da prole *inflatum* Flaksb. (de glumelas abauladas com aristas incurvadas); *ingrediens* Vav. et Jakubz., da prole *subrigidum* Flaksb. e glumas e glumelas com uma orla negra e aristas brancas; *pseudo-ingrediens* Flaksb. diferindo da anterior por aristas negras; *nigro-erythrospermum* Jakuschk, de espiga manchada de negro sobre fundo branco; *fulvo-cinereum* Flaksb., de espiga fulvo-acinzentada, e ainda outras variedades distintas por espiga semiaristada, *sub-erythrospermum* Vav., *subnigriaristatum* Vatz., *subkabulicum* Flaksb., *sub-erythrospermum-inflatum* Palm. e *pseudo-fulvo-cinereum* (Vatz.) Flaksb.

Há, como se observa deste exemplo, ainda muito a acertar na taxonomia dos trigos a começar por opção dum critério uniforme. Ignora-

mos se, num trabalho mais recente de Flaksberger e outros (1939), já se atendeu a alguns dos pontos a acertar.

O critério usado por Körnicke, fundamentando-se na coloração das glumas e glumelas, aristas e grão, pubescência, presença ou ausência de aristas, espiga simples ou ramificada, na distinção das variedades, deve ser seguido e ampliado, independentemente, dos outros arranjos, quanto possível tendendo para a organização natural dos grupos sistemáticos do trigo, fundamentados em caracteres gerais da planta, forma da espiga, glumas, glumelas e grão, densidade *D* da espiga, etc.

Estes caracteres são em muitos casos de maior importância e por isso se justifica a criação dos arranjos grupando as formas que os apresentam. É o que procuramos efectuar no presente trabalho para os trigos portugueses, tentando identificar os agrupamentos a que chegamos, inspirados na obra de Flaksberger e outros autores por este referidos, com os considerados por Flaksberger.

Nem sempre conseguimos obter a certeza desta identificação, pois não possuímos a tradução em língua para nós familiar senão de pequenos trechos da mesma obra e falta-nos, além disso, a possibilidade de confronto com os tipos espécimes dos grupos, pelo mesmo autor, considerados.

No entanto, achamos conveniente apresentar desde já alguma coisa do trabalho que estamos realizando para uma actualização da sistemática dos nossos trigos. Trata-se dum estudo preliminar e portanto sujeito a correcções, sobretudo por ser efectuado nas condições atrás apontadas.

Iniciamos as nossas considerações pelo *Triticum vulgare* Host. Todas as nossas formas cultivadas deste trigo, excepto talvez uma, apresentam a planta e espiga não grosseira nem rígida, o que corresponde à subespécie *indo-europaeum* Vav., que está espalhada por toda a Europa, Sibéria até ao Oriente, América do Norte e do Sul, Austrália e Sul de África. Grande maioria possui espiga mediana ou comprida, de secção geralmente quadrada, mútica ou barbada, afilamento mediano e que tudo nos leva a crer corresponder à prole *gallicum* Flaksb.

Apresentam espiga claviforme, correspondendo ao grupo *capitatum* A. Schulz, os trigos Mocho de espiga branca, Bento e Estação, da variedade *lutescens* Al. e o Mocho de espiga ruiva, da var. *milturum* Al.

O Mocho cabeçudo, da primeira variedade, é afim a este grupo. Apresenta colmo cheio uma linha do Magueija, a que chamamos «Magueija de colmo cheio» e que não foi citada ainda no nosso trabalho (1933). Deve ser incluída na prole *gallicum* Flaksb. grupo *cauliplenum*

Flaksb. e portanto na var. *pleno-erythrospermum* Flaksb., pois o Magueija pertence à antiga var. *erythrospermum* Körn.

São desprovidos de polvilho ceroso o Ribeiro e o Guaditano, o primeiro que incluímos na var. *erythrospermum* Körn. e segundo, na *ferrugineum* Al., correspondem à mesma subespécie e prole, mas também ao grupo *epruinatum* Jacubz.

O trigo denominado Português, pelo menos para algumas das suas linhas, apresenta a planta mais grosseira e rígida, pelo que, talvez, devesse ser incluído na subespécie *irano-asiaticum* Flaksb. prole *subrigidum* Flaksb., que faz transição para a outra subespécie (*indo-europaeum* Vav.).

As formas introduzidas de Itália, Mentana e Quaderna, apresentam grandes afinidades com a prole *japonicum* Flaksb. cujas características são pequena estatura, colmo espesso, precocidade, espiga curta, grão muito facilmente debulhável, afilamento fraco; formas semi-invernais.

O trigo Sacho, da var. *erythrospermum* Körn., um tremês da Beira Trasmontana e terras quentes de Trás-os-Montes, de grão ovoide, com revestimento muito pouco denso de polvilho, não pode, em nosso parecer, ser incluído em qualquer dos agrupamentos fundamentados no carácter *polvilho*: *epruinatum* ou *pruinatum* que melhor seria ter como subvariedade, devendo ser criado uma nova subvariedade para o incluir *paucipruinosum* Vasc. nova subvar. (*planta paucipruinosa*).

Todas as formas de *Triticum turgidum* L. existentes no País parecem pertencer à ssp. *mediterranicum* (Flaksb.) Vav.

Podem considerar-se independentemente das variedades botânicas em que foram incluídas e distribuí-las em dois grupos principais:

- a) Um caracterizado por espiga em geral mais larga de perfil e grão elíptico, incluindo a maioria das formas
- b) e outro de espiga mais larga de face e grão ovoide ou ovaloide, incluindo as formas: Novo, da var. *gentile* Al.; Alentejo, da var. *megalopolitanum* Körn.; e Dezassete, da var. *iodorum* Al.

O primeiro grupo deve ser idêntico à prole *meridionale* Flaksb. e o segundo à prole *anglicum* Flaksb., correspondendo respectivamente aos grupos *subcomplanatum* Flaksb. e *simplex* A. Schulz ou *compositum* (L.) para a forma Cachudo, da var. *pseudo-cervinum* Körn. e *quadratum* Ser. e *simplex* A. Schulz.

O trigo Argelino, que colocamos na var. *melanatherum* Körn., deve ser uma forma de transição com a espécie *Triticum durum* Desf.

As formas deste último por nós descritas afiguram-se-nos pertencer todas à ssp. *expansum* Vav.

Constituímos com elas oito agrupamentos:

- a) Formas de espiga em geral mais larga de perfil, densa ou muito densa, de densidade D média entre 31 a 38, grão elíptico, mediano, planta com polvilho ceroso, compreendendo as formas: Candeal, da var. *leucurum* Al.; Candeal de grão escuro, da var. *affine* Körn.; Preto amarelo, da var. *leucomelan* Al.; Pragana preta, da var. *Reichenbachii* Körn.; Vermelejoilo, da var. *murciense* Körn.; Mongia, da var. *erythromelan* Körn.; Mongia de grão escuro e Mourisco fino, da var. *alexandrinum* Körn.; Mourisco preto, da var. *provinciale* Al. (ou *albo-provinciale* Flaksb.); Mourisco preto de grão escuro da var. *obscurum* Körn. (ou *albo-obscurum* Flaksb.); Anafil claro, da var. *melanopus* Al.; Anafil escuro, da var. *africanum* Körn.; Raspinegro, da var. *apulicum* Körn.; Espanhol, da var. *niloticum* Körn.; Javardo glauco, da var. *libycum* Körn.

Este agrupamento deve corresponder ao tipo *commune* Flaksb. s. l. series *prolum mediterranea* (Vav.) prole *sardinicum* Schreib.

- b) Formas de espiga mais larga de perfil, muito estreita de face, com o ráquis delgado, um tanto frágil; glumas fortemente ligadas a este e com a carena dorsal muito forte e pronunciada; glumelas involucrando bem a cariopse; plantas sem polvilho ceroso. Densidade D média entre 30 e 34.

Compreende as formas cultivadas: Lobeiro, da var. *leucurum* Al.; Lobeiro de grão escuro, da var. *affine* Körn.; e Lobeiro ruivo, da var. *murciense* Körn.

Este grupo deve pertencer ao tipo *commune* Flaksb. s. l. series *prolum mediterranea* (Vav.) e parece ter afinidades morfológicas com o *T. dicoccum* L.

- c) Formas de espiga geralmente mais largas de perfil, arqueado-tombada ou inclinada, medianamente densa ou densa, glumas e glumelas normais, planta com polvilho ceroso. Com os trigos Russo, da var. *leucurum* Al. e Santa Marta, da var. *hordeiforme* Host. Estes trigos parecem pertencer ao tipo *commune* Flaksb. series *prolum europaea* (Vav.) prole *laxiusculum* Flaksb., o primeiro, e prole *densiusculum* Flaksb., o segundo.

d) Formas de espiga fusiforme ou oblongo-fusiforme, geralmente quadrada de secção, medianamente densa; estatura baixa; maturação relativamente precoce; planta desprovida de polvilho ceroso. Incluem-se neste grupo as formas: Amarelo de barba branca, da var. *affine* Körn.; Durázio molar glabro, da var. *Reichenbachii* Körn.; Mourisco ruivo, da var. *murciense* Körn.; Tremês preto, da var. *fulvo-obscurum* Vasc. [var. *obscurum* Körn. segundo Flaksberger (1935)]; Durázio molar, da var. *africanum* Körn. Talvez também possa ser incluído aqui o trigo Escuro, da var. *libycum* Körn., mas possui espiga mais oblonga do que oblongo-fusiforme.

Este agrupamento de formas na maioria tremeses assemelha-se muito à descrição da prole *melitense* Flaksb., salvo na questão do porte da planta nova que é frequentemente erecto e não subprostrado e na densidade da espiga que quase sempre é inferior à indicada para as formas desta prole (D = 28-32).

e) Formas afins às anteriores, mas diferindo por espiga oblonga ou oblongo-fusiforme e existência de revestimento de polvilho ceroso. São o Tremês rijo, da var. *affine* Körn. e o Vermelho fino, da var. *murciense* Körn. Não conseguimos encontrar lugar para elas em qualquer dos agrupamentos de Flaksberger, a não ser que este grupo e o anterior se possam incluir em conjunto na prole *Jordanica* Jakubz.

f) Formas afins ao primeiro grupo considerado, mas desprovidas de polvilho ceroso: Verdeal rijo, da var. *provinciale* Al. (ou *albo-provinciale* Flaksb.); Durázio rijo, da var. *melanopus* Al.; e Javardo, da var. *libycum* Körn.

g) Formas que diferem do primeiro grupo por maior largura do perfil da espiga e maior densidade D (quase 40): uma com polvilho ceroso incluindo o trigo Mourisco, da var. *erythromelan* Körn.; outra sem polvilho e designada Durázio rijo glabro, da var. *leucomelan* Al. Devem corresponder ao tipo *duro-compactum* Flaksb. prole *horanicum* Vav. e respectivamente às sub-proles *horano-pruinatum* Jakubz. e *horano-epruinatum* Jakubz.

h) Formas de espiga mais larga de perfil; grão oblongo, comprido e um tanto encurvado; planta com polvilho ceroso. Compreende os trigos Amarelo de barba preta e Gigante inglês, da var. *melanopus* Al. que correspondem evidentemente ao tipo *duro-oblongum* Flaksb. prole *falcatum* Jakubz.

Ainda algumas formas ficaram por incluir nestes diversos grupos tais como: o Marquês, da var. *Reichenbachii* Körn.; o Preto algarvio, da var. *provinciale* Al.; o Alexandre ou Massaroco, da var. *africanum* Körn.; o Marroquino preto e Raposinho, ambos da var. *coerulescens* Bayle.

Além dos trigos mencionados no nosso trabalho atrás referido, grande número de formas foram obtidas por hibridação, parte delas por nós mesmo, que necessitam ser descritas e perfeitamente classificadas e além disso há que verificar se realmente representam formas novas ou se são idênticas, quer nos caracteres morfológicos, quer nos fisiológicos e culturais, a outras já existentes.

O presente estudo trouxe-nos novamente ao contacto com a sistemática do trigo de que estávamos afastados desde que saímos da antiga Estação Agrária Central; é natural, por isso, que, além das razões apontadas atrás, apresente outras deficiências devidas a esse longo afastamento do assunto.

Concluiremos afirmando: Os trabalhos da sistemática e descrição dos trigos portugueses necessitam ser continuados e actualizados, pois já passaram dez anos sobre a publicação do nosso estudo «Trigos portugueses ou de há muito cultivados no País». Infelizmente esse trabalho não foi completado integralmente com estudos de outra ordem, além dos devidos a António Monteiro (1935) quanto à distribuição dos trigos e a Branquinho de Oliveira (1940) quanto à resistência à *Puccinia graminis Tritici*. Havia que estudar minuciosamente o seu valor cultural nas diferentes regiões do País, seu valor tecnológico e bromotológico, etc., trabalhando com as linhas obtidas por selecção genealógica.

BIBLIOGRAFIA

- Flaksberger, C. A. (1935) — Flora of cultivated Plants — I Cereals — Wheat — Leningrad.
- Körnigke, F. (1885) — Handbuch des Getreidebaues — Berlin.
- Monteiro, A. da Cunha (1935) — Trigos Portugueses — Estudo da sua distribuição no País — Estação Agrária Central. Bol. 17 série A.
- Oliveira, A. Branquinho d' e Sousa, M. C. Filipe de (1940) — Raças fisiológicas de *Puccinia graminis Tritici* em Portugal — «Agronomia Lusitana» 2 (3):243-252.
- Percival, J. (1921) — The Wheat Plant — London.
- Vasconcelos, J. de C. e (1933) — Trigos Portugueses — Subsídios para o seu estudo botânico — Bol. de Agricultura I (1 e 2): 1-150.

